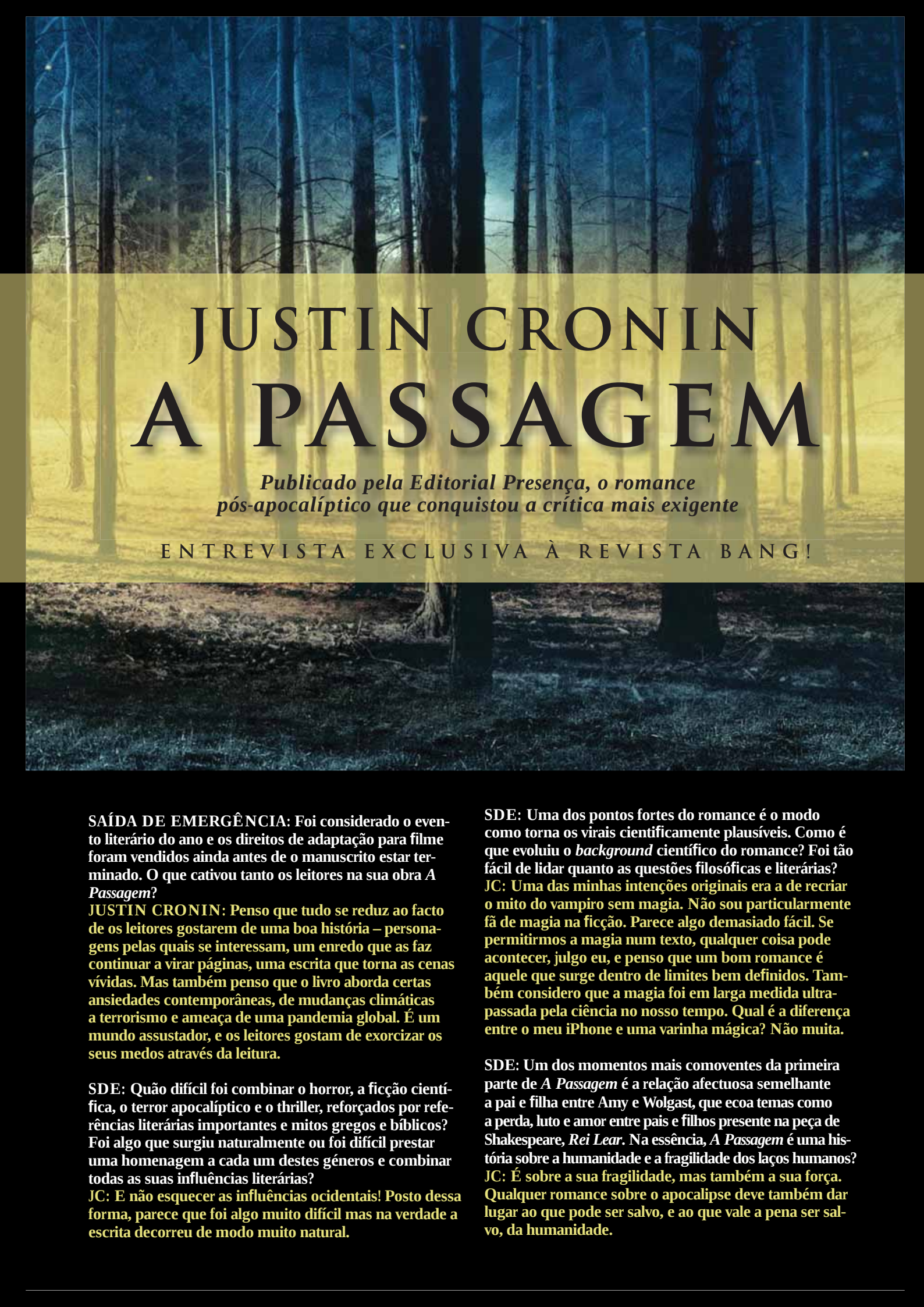




JUSTIN CRONIN A PASSAGEM

*Publicado pela Editorial Presença, o romance
pós-apocalíptico que conquistou a crítica mais exigente*

ENTREVISTA EXCLUSIVA À REVISTA BANG!

SAÍDA DE EMERGÊNCIA: Foi considerado o evento literário do ano e os direitos de adaptação para filme foram vendidos ainda antes de o manuscrito estar terminado. O que cativou tanto os leitores na sua obra *A Passagem*?

JUSTIN CRONIN: Penso que tudo se reduz ao facto de os leitores gostarem de uma boa história – personagens pelas quais se interessam, um enredo que as faz continuar a virar páginas, uma escrita que torna as cenas vívidas. Mas também penso que o livro aborda certas ansiedades contemporâneas, de mudanças climáticas a terrorismo e ameaça de uma pandemia global. É um mundo assustador, e os leitores gostam de exorcizar os seus medos através da leitura.

SDE: Quão difícil foi combinar o horror, a ficção científica, o terror apocalíptico e o thriller, reforçados por referências literárias importantes e mitos gregos e bíblicos? Foi algo que surgiu naturalmente ou foi difícil prestar uma homenagem a cada um destes géneros e combinar todas as suas influências literárias?

JC: E não esquecer as influências ocidentais! Posto dessa forma, parece que foi algo muito difícil mas na verdade a escrita decorreu de modo muito natural.

SDE: Uma dos pontos fortes do romance é o modo como torna os virais cientificamente plausíveis. Como é que evoluiu o *background* científico do romance? Foi tão fácil de lidar quanto as questões filosóficas e literárias?

JC: Uma das minhas intenções originais era a de recriar o mito do vampiro sem magia. Não sou particularmente fã de magia na ficção. Parece algo demasiado fácil. Se permitirmos a magia num texto, qualquer coisa pode acontecer, julgo eu, e penso que um bom romance é aquele que surge dentro de limites bem definidos. Também considero que a magia foi em larga medida ultrapassada pela ciência no nosso tempo. Qual é a diferença entre o meu iPhone e uma varinha mágica? Não muita.

SDE: Um dos momentos mais comoventes da primeira parte de *A Passagem* é a relação afectuosa semelhante a pai e filha entre Amy e Wolgast, que ecoa temas como a perda, luto e amor entre pais e filhos presente na peça de Shakespeare, *Rei Lear*. Na essência, *A Passagem* é uma história sobre a humanidade e a fragilidade dos laços humanos?

JC: É sobre a sua fragilidade, mas também a sua força. Qualquer romance sobre o apocalipse deve também dar lugar ao que pode ser salvo, e ao que vale a pena ser salvo, da humanidade.

SDE: O seu romance também reflecte nas temáticas da morte e imortalidade. A imortalidade dificilmente poderia ser considerada uma coisa boa num mundo em ruínas como descrito na sua obra. Pode haver finais felizes para imortais?

JC: Finais felizes humanos, não. Muita da riqueza e cor da vida vem do facto de ser finita, e nós sabemos isso. A morte faz com que as coisas tenham mais importância.

SDE: Os leitores já estão fartos de vampiros graças a séries como a da Stephanie Meyer e todas as obras derivativas que se seguiram ao sucesso dessa autora. No entanto, algumas obras maduras e muito interessantes surgiram em anos recentes, como *Deixa-me Entrar* de John Ajvide Lindqvist ou *A Estirpe* de Guillermo Del Toro e Chuck Hogan. E agora *A Passagem*. Estes livros descrevem vampiros muito mais assustadores e perturbantes. Quanto mais os receamos, mais sentimentos fascínio por eles?

JC: Os livros da Meyer não me interessam porque não foram escritos para mim – foram escritos para jovens mulheres. O que é perfeitamente justo. Também tenho uma filha adolescente. Mas as histórias de vampiros

JC: As coisas parecem estar a evoluir nesse sentido, embora eu acrescentasse que as forças que nos controlam, pelo menos no mundo desenvolvido, são bem mais subtis e complexas. Como sabe o Facebook que estou interessado num serviço ou produto em particular? Rendemo-nos todos os dias, cada vez mais, à gigante máquina de marketing da cultura de consumismo. Provoca-me arrepios.

SDE: Sendo editora de uma revista de literatura especulativa e trabalhando numa editora que publica esse tipo de literatura, tenho consciência da fricção entre o género especulativo e a literatura considerada *mainstream*. Parece ainda haver bastante preconceito contra a ficção científica, o horror ou o a história alternativa. No entanto, *A Passagem* conseguiu a difícil proeza de combinar sucesso popular com uma boa história de horror e com vampiros. Lev Grossman também conheceu o sucesso com o seu romance *The Magicians*, fantasia à Bret Easton Ellis. Está consciente da fricção entre estes dois mundos literários?

JC: É difícil não nos apercebermos dessa fricção, e sim, tenho consciência dela. Mas não é uma discussão na



“Uma das minhas intenções originais era a de recriar o mito do vampiro sem magia.”

nunca irão desaparecer. Cada geração tem as suas histórias de vampiros, e eu tenho as minhas. Mas também li muitos livros de ficção apocalíptica quando era criança. Nasci em 1962 pelo que cresci durante a Guerra Fria. Essa foi a grande influência na minha escrita. Simplesmente usei vampiros como um meio para atingir um fim.

SDE: Os cientistas e militares são os responsáveis pelos eventos apocalípticos presentes em *A Passagem*. Ambos estão a tentar criar o super-soldado, um conceito também presente em outros livros, filmes e séries televisivas. Tal reflecte uma preocupação pela nossa realidade? Estamos condenados a correr para salvar as nossas vidas, como as suas personagens, num mundo que controla cada vez mais os movimentos dos seus cidadãos?

qual goste de me envolver; parece-me um pouco disparatado. Há ficção que é escrita meramente para entretenimento, e ficção que é considerada arte, mas a maioria da ficção cai num meio-termo entre ambos. Eu gosto de uma obra bem escrita, mas também gosto de um bom enredo.

SDE: Pode nomear escritores de ficção especulativa que tenham influenciado a sua obra *A Passagem*?

JC: O livro mais influente terá sido *Earth Abides* de George Stewart, publicado na década de 40. Quando era criança, era, sem dúvida, o meu livro favorito.

SDE: O que podem os leitores esperar do que resta da vida de Amy nos volumes seguintes de *A Passagem*?

JC: A sua vida é longa. Muito mais está para vir.

SDE: Podemos esperar uma visita sua a Portugal algum dia?

JC: Adoraria! Por favor, alguém me convide.

Obrigado pela entrevista que concedeu à revista BANG!

Apesar Justin Cronin, nascido em Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, concluiu a sua formação em Harvard e no Iowa's Writer Workshop. Anteriormente escreveu "Mary and O'Neil", que venceu o PEN/Hemingway Award e o Stephen Crane Prize, entre outros títulos. "A Passagem" é o primeiro livro de uma grandiosa trilogia que entrou directamente para os lugares cimeiros das tabelas de vendas do "New York Times" e foi considerado um dos dez melhores romances do ano da sua publicação (2010) pela revista "Time".

uma crítica de João Barreiros

Verdade seja dita, todos nós gostamos de um agradável apocalipse à hora do chá. Saber que não vamos acabar sozinhos, mas sim na agradável companhia de bilhões e bilhões de outros seres humanos. Que tudo o que detestamos vai ter um final condigno, na melhor das vezes catastrófico. O nosso patrão há-de agonizar juntamente com os nossos colegas. A sogra, o vizinho, e o fiscal das finanças não vão ficar para trás a rirem-se, a gozar o pratinho da nossa íntima agonia. Já pensaram como será o mundo depois de nós? Sem jogo da bola ao domingo, com as ruas repletas de trogloditas, sem rádio aos altos berros, sem escarros nos passeios ou pastilhas elásticas coladas ao banco onde nos vamos sentar? Ah, o silêncio...a paz...a calma de um mundo sem nós....o ruído do vento a passar de mansinho entre as órbitas vazias dos crânios abandonados no interior das carcaças ferrugentas dos carros.

Todo este planeta pós-catástrofe seria um local ideal para se viver, não acham? Apenas nós e aqueles que nos são caros, como únicos sobreviventes num mundo vetado ao abandono. Como novos Adãos, de mãos dadas com as nossas esculturais companheiras, perante um pôr-do-sol cheio de promessas.

Desenganam-se. Infelizmente as coisas não vão correr pelo melhor. Acabou-se a aspirina. A coca-cola bem fresquinha. A electricidade e os almoços pré-cozinhados. Quando vos der um treco não vai haver ninguém que vos ajude com uma massagem cardíaca. Mesmo que sobrevivam à desgraça, a vossa esperança de vida conta-se em poucos anos. Uma cárie mata. Uma gripe mata. Uma apendicite mata. Em resumo: *This is the end, my friend...*

Sem contar com os monstros que nos esperam ao virar da esquina, porque esses, como toda a gente sabe, são bem mais resistentes do que nós. *Shit happens*. E quando acontece, meus

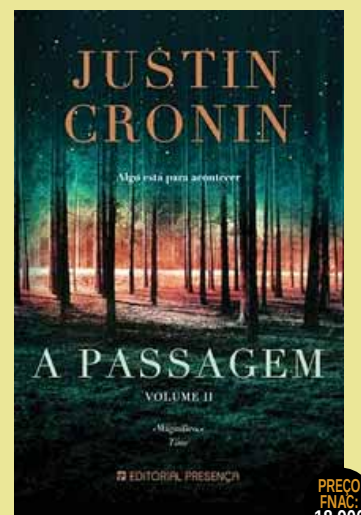
amigos, acontece da pior maneira. Por isso é natural que os fins-do-mundo sonhados pela literatura de horror nada tenham de paradisíacos. Stephen King, no seu monumental THE STAND (1978) matou quase toda a população do mundo com uma gripe viral e depois deixou os sobreviventes à mercê dos demónios. Robert McCammon num outro apocalipse ainda superior em qualidade ao do King, SWANN SONG (1987) deu cabo do mundo num apocalipse nuclear e deixou os poucos sobreviventes irradiados a errar num continente de cinzas em busca do último silo controlado por... (pois então, por demónios)...



Agora chegou a vez de PASSAGEM de Justin Cronin que promete ser ainda mais maciço, pois trata-se apenas do primeiro volume de uma prometida trilogia. Uma vez mais um vírus fica à solta, uma vez mais os militares (malvadas criaturas) são os responsáveis, mas desta vez o vírus provoca a imortalidade aliada à ftofobia, à perda de consciência individual, à dependência do ferro que só existe no sangue dos outros. Uma experiência dá para o torto numa base militar secreta, como costuma acontecer um número invariável de vezes. Doze psicopatas infectados dispõem-se com alegria a infectar o resto do mundo.

São quase indestrutíveis. Imortais. Pérfidos quanto baste. E todos aqueles que mordem, passam a pertencer à alcateia. Para sempre e mais um dia. São doze ao todo, como já vos disse. No final deste primeiro volume foi preciso uma bomba nuclear para dar cabo de apenas um deles, e isso com extremo prejuízo.

Justin Cronin apareceu de pára-que-



das no meio da literatura fantástica. Até ali, o prado dele era o *mainstream*. E nota-se, porque toca demasiado na tecla dos estados de alma dos seus personagens. Mas apesar de umas quantas *longueurs* na narrativa, A PASSAGEM é, ou vai passar a ser, mais um ícon na cronologia dos fins-do-mundo onde todos nós gostamos de molhar o pãozinho. As cenas de horror, quando Cronin a elas se dedica, são arrepiantemente deliciosas. Desafio-vos a não estremecer na cena da biblioteca municipal abandonada. Até aqui não sabia que os vampiros gostavam de ler, ou pelo menos conviver com as páginas bolorentas dos livros.

Um romance para ler devagarinho, na noite tempestuosa, quando o vento sopra e as ramagens tamborilam nas portadas das nossas janelas. Divirtam-se.

BANG!